

PONTO de Vista

Jornal do Centro Acadêmico Bernardo Sayão - CABS



NOSSO PONTO

Ponto vai, Ponto vem, mas o importante é que o Ponto está de volta! O meu, o seu, o nosso Ponto de Vista! Após a repercussão da edição de relançamento que nosso jornal teve, não podíamos deixar de agilizar a publicação da próxima edição. Foram de extrema importância, também, os textos a nós enviados por e-mail (pvjornal.cabs@gmail.com), que são maioria nessa edição.

O Ponto de Vista é um jornal que pretende ser um canal de expressão livre para seus leitores e suas leitoras, especialmente dentro a comunidade da FEEC. Nesse sentido, ele vem sendo construído principalmente pela opinião dos escritores. Ou seja, o conteúdo dos textos aqui presentes não reflete necessariamente a opinião da equipe que edita e publica o jornal.

No entanto, nosso Jornal não é, nem pretende ser, imparcial. Desse modo, a equipe também tem seus espaços de expressão, como a capa, o editorial, a diagramação e outros elementos que compõem a publicação.

Esperávamos com isso esclarecer melhor a atual composição do Jornal. Também gostaríamos de deixar claro que as reuniões de organização são abertas e que precisamos e esperamos cada vez mais pessoas contribuindo com o ponto. Para saber mais sobre como funciona o Jornal e quando serão as próximas reuniões, acesse nosso site (www.cabs.fee.unicamp.br/pv).

Boa Leitura,

Equipe do Ponto.

"Procurava em seu bolso a frase certa a ser dita, só encontrou um maço de cigarros."

Orlandini, Francisco

Gênero e sexualidade: uma breve explicação para você que não está entendendo nada

Disclaimer: esse texto foi escrito por uma mulher lésbica e cis, não sou uma pessoa trans* e, portanto, não tenho e jamais terei a propriedade necessária para falar sobre as questões de pessoas trans* sem cometer deslizes. Eu tomei alguns cuidados, mas posso ter sido cissexista em vários pontos. Por fim, esse texto tem uma finalidade didática, por isso tratei muitas questões de forma muito superficial.

Em meio às recentes discussões sobre o casamento LGBT, homofobia/lesbofobia/bifobia/transfobia, direitos civis LGBT e etc, se vê muitos equívocos com relação à diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, até mesmo papel de gênero na sociedade. Transfobia, transfeminismo, cissexismo ainda são termos desconhecidos da maioria, a luta das pessoas transgêneras sendo basicamente invisível, inclusive dentro do próprio movimento LGBT.

Existem alguns conceitos fundamentais que devem ser levados em conta para o entendimento dessa luta. Entre eles: identidade de gênero, orientação sexual, papel de gênero e cissexismo.

Identidade de gênero é o gênero com o qual a pessoa se identifica, não necessariamente ligada ao seu “sexo cromossômico”, podendo um indivíduo XY se identificar como mulher (mulher trans) ou um XX como homem(homem trans), por exemplo.

Orientação sexual tem a ver com o gênero pelo qual uma pessoa se sente atraída. Um pessoa pode ser “classificada” de acordo com a sua orientação sexual em assexual, bissexual, heterossexual ou homossexual.

Assexuais não sentem atração por nenhum gênero, bissexuais sentem atração tanto pelo gênero feminino quanto masculino, heterossexuais sentem atração pelo gênero oposto ao seu e homossexuais sentem atração por pessoas de mesmo gênero que o seu.

É importante enfatizar que não existe uma relação necessária entre identidade de gênero e orientação sexual. É perfeitamente possível que um indivíduo XX que se identifica como homem seja atraído por homens, nesse caso, sendo homossexual. O mais surpreendente aos desavisados é saber que uma pessoa XY que se identifica como mulher e sente atração por homens é heterossexual.

Dados esses conceitos e ideias, à partir de uma reflexão cuidadosa, percebemos um “novo” tipo de segregação: o cissexismo. Trans* é a pessoa que está fora dos padrões de gêneros ditados pela nossa sociedade(travestis, transexuais, pessoas de gênero não binário etc). Cissexismo é, além da invisibilização dessa parcela da população, a normatização da sociedade numa divisão binária e imutável de gêneros. É um princípio análogo ao sexismo, mas tendo pessoas Trans* como vítimas da opressão.

À parte de tudo isso que foi dito, existe a ideia de “papel de gênero”, que é o que é esperado de determinado gênero, baseado em padrões sociais e nos moldes da família “tradicional” e heteronormativa “papai-mamãe-filhos”. É basicamente dizer que a mãe deve cozinhar e cuidar dos filhos, enquanto o pai deve prover a família, dizer que meninas devem brincar com bonecas e meninos com carrinhos.

Num mundo onde questões de gênero e sexualidade são cada vez mais discutidas, conclui-se que esse conceito de família da sociedade patriarcal capitalista simplesmente não contempla a riqueza das relações familiares que existem no mundo e muito menos a divisão de papéis de gênero contempla a diversidade individual das pessoas.

Uma família não é uma família por ter "dois pais" ou "duas mães"? Quem é você para dizer o gênero de alguém e, ainda por cima, o que a pessoa pode ou não fazer diante desse rótulo?

Por Lola Marques

A Igreja Católica e a Sociedade Atual

Embora teoricamente seja uma instituição religiosa que prega primariamente o amor e a igualdade, a Igreja Católica é, muitas vezes, acusada de nadar contra essa corrente. Com o passar dos séculos, muitas decisões foram tomadas e revogadas pela Igreja Católica com o intuito de se adaptar e se aproximar da sociedade da época, mas há um grande questionamento se tais medidas são suficientes para tal.

No meio de inúmeros exemplos históricos, um caso que entra neste contexto aconteceu recentemente no interior de São Paulo, quando a Diocese de Bauru excomungou um padre que defendia direitos LGBTs em vídeos pela internet. No dia 24 de abril, a diocese determinou que Padre Beto (como é conhecido) excluísse os vídeos e fizesse um pedido de desculpas, alegando que tais vídeos traíam o compromisso firmado pelo padre com a igreja. Ao se recusar a acatar a tais ordens, Padre Beto foi excomungado no dia 29.

Essa excomunhão exemplifica um importante aspecto sobre a Igreja Católica atualmente: num momento de transição da sociedade, quando lentamente muitos valores morais antigos - remanescentes de outras sociedades e outras épocas - vão sendo desconstruídos e novos ideais vão tomando seus lugares, pregando principalmente a liberdade individual, o Vaticano tenta se prender à moral bíblica e ignora (e até mesmo se esforça para impedir) as mudanças na nossa sociedade.

Quando um livro sagrado ao mesmo tempo diz que “se deitar com um homem como se fosse uma mulher é abominável” (Levítico 18:22) e que as pessoas devem “amar o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39), uma certa contradição pode e é gerada. Enquanto há quem se prende no primeiro discurso (como é o caso da Igreja Batista de Westboro, que adota como slogan “God hates fags”), outros fiéis acreditam que devem amar homossexuais, pois devem amar a todos, e assim surgem figuras como Padre Beto. (Não entrarei aqui no âmbito do extremismo de posições como a da Igreja Batista de Westboro.

Qualquer pessoa que discorda que tal posicionamento é completamente absurdo deve parar de ler este texto agora. Quanto à posição de Padre Beto e outros, deve-se abandonar completamente a falsa ideia que algumas pessoas criam de que, para defender um posicionamento, deve-se ser adepto dele. Você não precisa ser negro para ser contra o racismo, não precisa ser mulher para ser feminista, não precisa ser não-heterossexual para defender os direitos LGBT.)

Os motivos que levam um fiel a acreditar mais em uma passagem do que em outra podem ser diversos, mas a postura da Igreja Católica enquanto instituição, no entanto, é uma decisão política que nada tem a ver com crença ou fé.

Ao se opor às mudanças na sociedade, a Igreja Católica tenta não só manter seu poder como uma das maiores religiões do mundo, mas também luta para voltar ser a mais importante instituição religiosa do planeta. O que o Vaticano parece não perceber é o grande erro que está cometendo.

Enquanto a Diocese de Bauru excomungava Padre Beto, mais de mil pessoas foram à sua última missa apoiar o padre, isso sem falar das passeatas que estão sendo organizadas e outros tipos de manifestações, inclusive virtuais, em repúdio à decisão da diocese. Quanto mais a Igreja Católica tenta recuperar o poder de outrora, mais perde o apoio dos fiéis, mais se distancia da sociedade atual, mais cria atritos desnecessários com diversos segmentos da sociedade e mais perde fiéis para outras religiões.

Por Catástrofe

A Agonia do Pondé

Antes de mais nada, gostaria de fazer um pedido formal para que o artigo escrito passe pela “Comissão da Verdade” do Ponto de Vista.

Começo.

“Estamos entrando numa época de trevas no país. O bullying ideológico com os mais jovens é apenas o efeito, a causa é maior. Vejamos. No cenário geral, desde a maldita ditadura, colou no país a imagem de que a esquerda é amante da liberdade. Mentira. Só analfabeto em história pensa isso.” Luiz Felipe Pondé.

Volto.

Eis que me deparo com um jornal, criado por engenheiros. Eis que ele se chama “Ponto de Vista”, seguindo obviamente as normas do broxante (não se exaltem feministas) politicamente correto. Eis que me deparo em sua primeira página com uma “charge”, ou seja lá o que for. O personagem afirma: “um jornal de esquerda na engenharia?”. A agonia aflora, em plena madrugada.

Um ambiente dito democrático preza por qualquer tipo de argumentação de ambas as partes. Em resumo, preza a livre expressão de todas as opiniões. Religiosa, Feminista, Sexista, Gayzista e todos os istas criados ao longo do século XX. As maiores potências econômicas mundiais, antes de terem se tornado competentes economicamente, foram sobretudo ambientes de discussão e debate, ou aprenderam a ser ao longo da história. EUA, Inglaterra, Japão, França, etc. Até a China, percebam a ironia do destino, que acabou desaprendendo com os vermelhos.

Choro, ou melhor agonizo, pois não é isso que assisto na minha querida faculdade.

Para escrever no jornal, de acordo com a charge, precisamos ser de “esquerda” (por enquanto não pretendo entrar no âmbito da definição da “esquerda” ou “direita”). Compreensível, infelizmente, essa onda “benéfica” e “detentora da verdade” que reina não só no nosso ambiente acadêmico como no ambiente midiático e político, como afirmam Pondé e muitos outros. Ambiente este que condena, massacra, sufoca opiniões divergentes.

Aqueles que não fazem parte da masturbação ideológica reinante são agrupados em diversos setores.

Contra as cotas racias? Racista! Elite branca! A favor da PM no campus? Fascistas!! Ser contra o aborto? Machista (afinal de contas, se não somos feministas o que seremos?)!!! Ser contra black blocks? Reacionários!!!! Neste momento acaba a discussão. Não há direito de resposta ou da própria transmissão da ideia. Até o ponto em que recebemos cabeças de porcos rolando nos nossos pés, à la Demétrio Magnoli (ver ocasião da Flica).

Fascistas são aqueles que afirmam haver uma corrente ideológica predominante em uma única edição de jornal escrita. São aqueles que acreditam que TODOS os engenheiros eletricitas concordam com a ideologia esquerdista. Licença, essa eu não engulo. E aqui estou.

Em resumo, seguindo as normas argumentativas enfadonhas do politicamente correto, é incabível e inaceitável o grupo editorial prejulgar que o jornal será de “esquerda”. Um jornal de livre expressão dos alunos, na verdade, deve defender até o último instante um ambiente democrático de discussão. Um ambiente não tendencioso que reflita o pensamento da nossa comunidade, não a do exterior: DCE, PSDB, PT, PSOL, ONU, ONGs.... Sei o que penso e não deve-se ter medo de expor ideias em qualquer meio. Muito menos aqui. Finalmente, ponto.

Termino.

Por Olavo Cabsbaixo

Castelo

O Castelo é para todos mas não é beeeem para todos. Todos podem entrar, por exemplo. Todos podem transitar pelo castelo livremente. Podem até dormir no castelo. Mas acaba ai, como uma grande porta fechada.

O Castelo é feito por algumas pessoas. As mesmas recorrentes pessoas. Pessoas com ideias muito parecidas. Com ideais muito bonitas.

Todas as pessoas do Castelo tem o que falar.

Até quem já foi embora do Castelo pode continuar falando e falando, mesmo de longe.

As pessoas tem orgulho do Castelo. Mesmo quando não aparecem no Castelo.

Elas estufam o peito com o sorriso da coletividade.

As pessoas tem orgulho do Castelo. Elas falam: "É pelo Castelo!", mas as vezes elas não podem ir para as batalhas... Elas mandam vibrações positivas.

As pessoas do Castelo são inteligentes. As pessoas fazem do Castelo um Castelo para todos mas nem todos podem "fazer" o Castelo.

O Castelo não tem rei, é mais uma tábua redonda. Mas tem que ser cavaleiro para estar na tábua.
Cavaleiro.

O Castelo também tem um estatuto. O Castelo corre para o estatuto de vez em quando. Ele acha que o estatuto tinha que mudar um pouco... Mas se alguém desrespeitar o estatuto, ele fica emburrado.

O Castelo então se sente bem.

O Castelo adora promover encontros. O Castelo se acha no dever de conscientizar. Assim o Castelo se sente bem.

Quando algo chato acontece no Castelo, o Castelo pune.

O Castelo gosta de educar mas às vezes ele pune. Afinal, os outros nem sempre conseguem aprender de forma educada, não é mesmo?

O Castelo respeita a liberdade individual, mas mantém uma prisão para garantir, afinal, algumas liberdades são melhores que as outras...

Depois de punir, o Castelo se sente bem.

O Castelo até que queria travar batalhas maiores... Mas faz o que dá, né.

O Castelo não vai comprar uma briga para perder. Não pode sujar o nome do Castelo.

"Faltam pessoas!" - O Castelo urra.
Aparece um camponês e o Castelo corrige:
"Faltam cavaleiros!"
O Castelo se sente bem.

O Castelo queria TANTO que as coisas fossem diferentes...

Por Anônimo

Resposta ao Olavinho

Prezado Olavo Cabsbaixo,

Começo.

Comissão de Verdade do Ponto de Vista?...tá.

Volto.

Sou do Ponto de Vista, portanto tive acesso ao seu texto antes dele ser publicado. Considerando a demora entre uma edição e outra, decidi já escrever uma resposta e publicar na mesma edição.

A agonia aflora em pleno meio de tarde. Apesar de seu broxante não ter me ofendido, praticamente todo o resto do seu texto me ofendeu. Mas sobre o broxante, não entendo de onde viria a ofensa. Feminista tem medo de pau? Ou eu acharia seu comentário machista, como se brochar fosse coisa só de homem e como se todo-homem-tivesse-um-pinto e toda-mulher-tivesse-uma-buceta e aquele cissexismo todo que você provavelmente não sabe o que é e não se dará o trabalho de saber? Ou você tentou ofender mesmo? Ah, a agonia com confusão.

Politicamente correto... a expressão favorita de quem adora ser politicamente incorreto à la Danilo Gentilli. Quem adora poder ser preconceituoso, fazer todas as piadas e comentários que quiser de cima dos seus privilégios que nunca reverá. Quem acha que é frescura e chatice dos outros se ofender com coisas... bem, ofensivas. Porque você mede o mundo pelo próprio umbigo, pelas suas experiências e vida e contexto e simplesmente ignora que existem muitos outros sofrendo diariamente com as opressões que você acha que são seu direito inalienável reproduzir. Dica: não é.

Usar a palavra gayzista, por exemplo, foi uma escolha bem infeliz. Porque adivinha? É ofensivo. E, como eu disse, esse seu “politicamente incorreto” não é nada mais que o livre direito de ofender, e você não tem esse direito. Tente ser uma pessoa nem que seja um pouquinho menos ofensiva e desagradável e corte essa palavra do seu vocabulário, ok? E, quem sabe, aproveite esse toque para rever seus privilégios que te fazem achar que você tem o direito de chamar alguém de gayzista, e porque tamanha ofensa sobre sua orientação sexual não haverá nunca.

Agora, assim, dizer que o ambiente “sufoca opiniões contrárias”?

Chuto aqui, pelo nível do seu texto, que você é homem, branco, hétero, cissexual, classe média, sem deficiências físicas notáveis e talvez não magro, mas não gordo o suficiente para sofrer preconceito por isso. Chuto, pelo seu texto, que você tem todos os privilégios e nunca experimentou opressão. Ou talvez, se errei em alguma parte da descrição (duvido que mais de duas!), chuto que você nunca experienciou essa opressão do seu jeito bruto e cru – da mesma forma que eu, mulher branca classe média, apesar de experimentar bastante machismo, não experiecio como mulheres negras e pobres, por exemplo. Chuto que, se errei, seus outros privilégios foram o suficiente para sufocar as opressões que você pode ter experienciado.

Partindo da minha dedução acima, eu vou te dar uma novidade: o mundo é sua casa, meu amor. O mundo esta pronto pra te ouvir, te validar, não te julgar, se preocupar com você.

O que você passa não se compara ao que diversas pessoas, com diversas opressões, passam dia a dia pra simplesmente existir, para simplesmente terem sua voz minimamente ouvida, para sobreviverem, para terem espaço, para chegarem perto de tudo aquilo que você já tem. (Se eu errei e você não for nada do que descrevi acima... sua falta de empatia, que já me assusta desse modo, me assusta mais ainda.)

Então, por favor. Quando se lança um, entre milhões de jornais, cujo intuito é ser de esquerda e a favor de idéias libertárias, você agoniza. Agoniza porque você perdeu um tiquinho da sua posição de o mundo ser sobre você e para você. Pode não parecer, mas nem tudo gira em torno de você, ó privilegiado. Esse jornal é uma dessas coisas.

Em momento algum tentamos falar por todos os engenheiros eletricitistas – como se isso fosse sequer possível! Inclusive, ó aqui uma computeira respondendo pra você. Espaços abertos são bem legais por isso.

Esse é um espaço aberto de discussão entre a nossa comunidade, mas talvez seja uma surpresa para você que nem todos pensam do mesmo modo que o seu. E não querer ser influenciado pelo exterior é complicado. A FEEC não é uma bolha vivendo a parte da sociedade e, inseridos na sociedade, construímos nosso pensamento com ela. Ter um pensamento estritamente comunitário é pequeno e não gera discussões, aprendizado, mudanças.

De qualquer jeito, vem com a gente! Se te desagrade taaaanto assim, vem discutir com a gente e construir algo que te agrade. Se você sabe o que pensa, se tem suas idéias que quer expor, para de reclamar atrás de uma tela e de um pseudônimo e vem dar as caras sem medo nas reuniões. Ou faz seu próprio jornal politicamente incorreto, sei lá. Mas daí não reclame se tiver uma repercussão ruim.

Termino.

Por Fernanda Fantelli

O Direito da Livre Comunicação

Todo mundo já ouviu falar do direito da Liberdade de Expressão. É um tema recorrente em textos, amplamente cantado em versos do nosso cancionário nacional, citado em filmes e, mesmo que nem todos realmente compreendam o que significa exatamente, há um senso comum de seu significado. O conceito surgiu na Grécia antiga, consta na Declaração dos Direitos Humanos de 1948 e está representado no Artigo 22º da Constituição Federal de 1988 pelas seguintes palavras: “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição”.

Considerado um pilar da democracia, esse direito raramente existe de fato no Brasil. Nos conturbados anos da ditadura militar, ele foi revogado por meio do AI-5 que calou inúmeros artistas, jornalistas e populares. Nos dias atuais, ele é afrontado pela limitação dos meios de comunicação, que consolida firmemente a arcaica oligarquia da mídia brasileira.

O governo brasileiro se dá o direito de controlar o espectro eletromagnético e limitar as ondas emitidas de um lugar para outro em frequências determinadas.

É preciso um burocrático processo licitatório para que um indivíduo ou organização possam, por meios legais, emitir sinais de rádio ou TV, o que resulta em poucos grupos e empresários dominando completamente o que se ouve nos rádios e se assiste na telinha.

Qualquer transmissão de sinais de rádio que não tenha concessão do Ministério das Comunicações e licença da Anatel é considerada “pirata” e criminalizada sob o fraco pretexto de que elas atrapalham a comunicação aeronáutica e podem causar acidentes aéreos. Isso é pouco plausível, uma vez que os sinais de rádio FM variam em frequência de 87,5MHz~108,0MHz e os sinais de rádio utilizados na aviação estão na faixa de 108,0MHz~137,0MHz. Além disso, sabe-se que mesmo em frequências limítrofes, seria necessário um transmissor de potência muito alta para gerar uma interferência tão grave na comunicação entre aviões.

Nesse contexto, onde a lei vigente serve mais uma vez para beneficiar o interesse de poucos, surgem inúmeras “rádios-piratas” que levantam o debate da democratização dos meios de comunicação e da livre difusão de cultura. Na Unicamp, temos como exemplo a Rádio Muda, uma rádio livre que atua no campus há mais de 25 anos sem qualquer vínculo político ou interesse comercial.

Símbolo do ideal da Livre Comunicação, a rádio foi covardemente atacada e saqueada pela vigilância do campus no mês de fevereiro sem que (até o momento da redação desse texto) se saiba exatamente o motivo ou interesse por trás desse ataque.

Não foi a primeira vez, e provavelmente não será a última, que tentam calar a rádio.

Nossos vizinhos argentinos foram agraciados em 2009 pela Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual, conhecida popularmente pela Ley de Medios. Essa lei restringe o número de licenças de TV e rádio que um grupo pode ter, facilita o acesso à radiodifusão, reserva 33% do espectro eletromagnético para entidades sem fins lucrativos, entre outras medidas; a lei foi muito bem recebida pela população, apesar das críticas feitas pelo Grupo Clarín (que, justamente, tinham quase o monopólio sobre a mídia do país até então, de forma semelhante ao que acontece no Brasil desde a década de 70).

Até que ponto realmente existe a Liberdade de Expressão? Podemos nos expressar livremente? Por quais meios? A quem interessa que a população fique calada, absorvendo conteúdo? Qual a importância da Livre Comunicação, principalmente no meio universitário? De mãos atadas e bocas caladas, dificilmente é possível mudar algo num país, principalmente num momento de grande efervescência política como o atual. É um debate de grande interesse aos brasileiros e que muito precisa florescer num momento de delicadas mudanças no cenário nacional.

Por Gabriel Catástrofe

Contribuições:

Capa: Fran

Arte de boas-vindas: Danilo Silva

Convite

Se formos nos encontrar,
Que nos encontremos direito.

Vamos tomar umas cervejas,
Trocar umas ideias,
Trocar umas cervejas,
Tomar umas ideias.

Quem sabe pra nós, quem sabe pros outros...
Quem sabe?
Alguém sabe de alguma coisa a essa hora?

Já estamos trocando tomadas,
Idealizando cervejas.
Eu aqui, sentado à sua frente,
Idealizando algumas trocas de beijos
Com o gosto das suas ideias.

Por Gabriel Queiroz



**Cansou de escrever somente
equações?!**
Escreva já para o Ponte:
pvjonal.cabs@gmail.com

E para dar boas-vindas aos novinhos e novinhas da faculdade, a gente da uma de XAVANTE:

